

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA
Antonio José da Silva, o Judeu

Ópera joco-séria
que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa no carnaval de 1737

INTERLOCUTORES:

Dom Gilvaz
Dom Fuas
Dom Tibúrcio
Dom Lancerote, velho
Dona Cloris
Dona Nize
Sobrinhas de d. Lancerote
Sevadilha, graciosa, criada
Fagundes, velha, criada
Simicúpio, gracioso, criado de d. Gilvaz

CENAS DA Iª PARTE

I – Prado, com casario no fim
II – Câmara
III – Praça
IV – Gabinete

CENAS DA IIª PARTE

I – Praça
II – Sala
III – Câmara
IV – Praça
V – Câmara
VI – Jardim
VII – Sala

PRIMEIRA PARTE

Cena Primeira

Prado, com casaria no fim. Saem¹ d^a. Cloris, d^a. Nize e Sevadilha com os rostos cobertos; e d. Fuas, d. Gilvaz e Simicúpio, seguindo-as

D. GILVAZ (*para d^a. Cloris*) – Diana² destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando rêmora³ me suspendeis, sois imã, que me atraís.

¹ No texto original, toda a vez que entram personagens em cena, é dito que saem. Corrigi sempre que isso acontece, e esta nota vale por todas as vezes posteriores.

² Deusa da caça na mitologia romana. A mesma Artêmis dos gregos.

D. FUAS (*para d^a Nize*) – Flora⁴ destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdém, que essa discorde fuga com que me desenganais, é harmoniosa atração de meus carinhos; pois nos passos desses retiros forma compassos o meu amor.

SIMICÚPIO (*para Sevadilha*) – E tu, que vens atrás, serás a seringa⁵ destas brenhas⁶; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar dos esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado⁷ raboleva⁸ das tuas costas.

D^a. CLORIS (*para d. Gilvaz*) – Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos que não me sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expõe a vossa porfia⁹.

D. GILVAZ – Galhardo¹⁰ impossível, em cujas nubladas esferas ardem ocultos dois sóis, e se abraça patente um coração, permiti que esta vez seja fineza a desobediência; porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa ninfa, ou hei de ver-vos ou seguir-vos, porque conheça, já que não o Sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

D^a. CLORIS (*À parte*) – Que será de mim, se este homem me seguir?

D^a. NIZE – Já parece teima essa porfia: vê-de, senhor, que se me seguís, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

D. FUAS – Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA (*para SIMICÚPIO*) – Ora basta já de porfia, senão vou revirando¹¹.

SIMICÚPIO – Tem mão, sarjeta¹² encantadora, que com embiocadas¹³ denguices, feita papão¹⁴ das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho: são escusados esses esconderelos¹⁵, pois pela unha desse melindre conheço o leão desta cara.

D^a. CLORIS – Isso já parece teima.

D. GILVAZ – Isto é querer-vos.

D^a. NIZE – Isso é porfia.

D. FUAS – É adorar-vos.

SEVADILHA – Isto é empurração.

SIMICÚPIO – Agora, isto é bichancrear¹⁶, pouco mais ou menos.

D. GILVAZ – Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer, entendi que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de nos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

³ No texto: obstáculo.

⁴ Deusa protetora dos vegetais na mitologia greco-romana.

⁵ Figurado: pessoa importuna.

⁶ Figurado: confusão.

⁷ Grudado.

⁸ Tira de pano ou papel, que por brincadeira, se prega nas costas de alguém para depois fazer chacota.

⁹ Insistência.

¹⁰ Garboso. Belo. Bem apessoado.

¹¹ Mudar de opinião.

¹² Relativo à sarja, tecido entrançado de seda, lã ou algodão.

¹³ Escondidas por um xale.

¹⁴ Monstro imaginário com que se põe medo às crianças.

¹⁵ Subterfúgios.

¹⁶ Ato de fazer bichancros, modos ou ademanos ridículos, típicos dos enamorados.

SEVADILHA – Em termos, sem tirar nem pôr.

D^a. CLORIS – Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruí o mesmo que edificais.

D. GILVAZ – E admitireis a minha fineza?

D^a. CLORIS – Sendo verdadeira, por que não?

D. FUAS – Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

D^a. NIZE – Sim, se for amor constante.

D. GILVAZ e d. FUAS – Quem essa dita me abona?

D^a. NIZE – Este ramo de manjerona¹⁷.

D. FUAS – Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes¹⁸ pompas se ostente troféu da primavera.

D. GILVAZ – Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D^a. CLORIS – Este ramo de alecrim¹⁹, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

D. GILVAZ – Por único na minha estimação será esse alecrim o feliz das plantas, que abrasando-se nos incêndios do meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

SIMICÚPIO – Isso é bom, segurar o barco; mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

D^a. CLORIS – Cada um de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais fácil será perder a vida do que elas percam o crédito de verdadeiras.

SIMICÚPIO – Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossas mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do alecrim e manjerona: resta-me também que tu cozinheirazinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois também me quero segurar.

SEVADILHA – Eis aí tem esse malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

SIMICÚPIO – Ditoso seria eu, se o teu Malmequer se murchasse.

D^a. CLORIS – Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimasseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de alecrim.

D. NIZE – O mesmo vos recomendo da manjerona.

D^a. CLORIS – Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a manjerona, ou alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

D^a. NIZE – Desejara que triunfasse a manjerona. (*Vai-se*)

D^a. CLORIS – E eu o alecrim. (*Vai-se*)

SEVADILHA – Cuidado no malmequer. (*Vai-se*)

SIMICÚPIO – Cuidado no bem-me-quer.

D. GILVAZ – Ó Simicúpio, vai seguindo-as, para sabermos aonde moram: anda, não as perca de vista.

SIMICÚPIO – Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (*Vai-se*)

D. FUAS – Quem serão, amigo d. Gilvaz, essas duas mulheres?

¹⁷ Erva européia semelhante ao orégano, aromática e usada como tempero culinário. Mangerona.

¹⁸ Verdejantes.

¹⁹ Arbusto odorífero, que produz um óleo utilizado como condimento e medicamento.

D. GILVAZ – Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto, para ferir os corações como cupido; mas pelo bom tratamento e asseio, indicam ser gente abastada.

D. FUAS – Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna do esposo ser meeiro no cabedal.

D. GILVAZ – Ai, amigo d. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

D. FUAS – Elas foram aturdidas com palanfrórios²⁰.

D. GILVAZ – Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

Entra Simicúpio.

SIMICÚPIO – Já fica assinalada na carta de marear toda a costa de leste a oeste, com seus cachopos²¹ e baixios²².

D. GILVAZ – Aonde moram?

SIMICÚPIO – São as nossas vizinhas, sobrinhas de d. Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas o ano passado.

D. FUAS – Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

SIMICÚPIO – Isso tem elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

D. GILVAZ – Uma delas sei eu, que se chama d^a. Cloris.

SIMICÚPIO – e a outra d^a. Nize, isso sabia eu há muito tempo.

D. FUAS – E como saberei eu qual delas é a da manjerona?

SIMICÚPIO – Isso é fácil, em sabendo-se qual é a do alecrim, logo se sabe qual é a da manjerona?

D. FUAS – Grande sutileza! Vamos, d. Gil.

SIMICÚPIO – Já que se vão, advirtam de caminho que segundo as notícias que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras²³ são zimbórios²⁴ tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem há, e é que, tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua manjerona e o seu alecrim; que amor que entra pelo nariz não é bem que chegue ao coração.

D. GILVAZ – Simicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

SIMICÚPIO – Ah senhor d. Gilvaz, o meu aríete²⁵ já se acha mui cansado de tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

D. GILVAZ – Simicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra a d. Lancerote, saltaremos de contentes.

²⁰ Palavrório. Conjunto de frases e palavras com pouco nexos.

²¹ Recifes.

²² Banco de areia.

²³ Aberturas ou janelas no telhado.

²⁴ Parte convexa superior de grandes edifícios, principalmente igrejas. Domo.

²⁵ Antiga máquina de guerra usada para derrubar portas e muralhas.

SIMICÚPIO – Tal é a minha desgraça, e a sua miséria, que ainda com esta burra me dará dois coices.

D. GILVAZ – d. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o alecrim.

D. FUAS – d. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Simicúpio é tão destro na matéria.

D. GILVAZ – Por hora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau²⁶, que vós também navegareis no mar de Cupido²⁷.

D. FUAS – Isso não merece a nossa amizade.

D. GILVAZ – Se vós sois do rancho da manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, d. Fuas, e viva o alecrim. (*Sai-se*)

SIMICÚPIO – E viva o malmequer. (*Vai-se*)

D. FUAS – Viverá a manjerona apesar do mais intenso ardor de opostos planetas.

Entra²⁸ Fagundes com manto e capelo²⁹.

FAGUNDES – E bom sumiço! Aonde estarão estas meninas que há mais de quatro horas, que foram à missa, e ainda não há fumo³⁰ delas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

D. FUAS – Que sinais tinham?

FAGUNDES – Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto e a outra uns sinais de bexigas.

D. FUAS – E que mais?

FAGUNDES – Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída³¹ e a outra um leicença³² num braço.

D. FUAS – Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

FAGUNDES – Meu senhor, uma delas trazia um ramo de alecrim no peito, e a outra de manjerona.

D. FUAS – Vi muito bem que são as sobrinhas de d. Lancerote.

FAGUNDES – Essas mesmas são: ora diga-me onde as viu?

D. FUAS – Promete-me vossa mercê fazer-me quanto eu lhe pedir?

FAGUNDES – Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

D. FUAS – Pois descanse, que elas aqui estiveram e agora foram para casa.

FAGUNDES – Ai, boas novas tenha.

D. FUAS – Ora pois em alvissaras³³ desta boa nova quero me diga como se chama...

FAGUNDES – Eu? Ambrósia Fagundes para servir a vossa mercê.

D. FUAS – Digo, como se chama a que trazia a manjerona no peito?

²⁶ Trecho raso de rio ou lago, por onde se pode passar a pé ou a cavalo.

²⁷ Cupido ou Eros: deus do amor na mitologia greco-romana.

²⁸ A personagem Fagundes entra, e não sai, como está no texto original.

²⁹ Tipo de capuz usado pelas viúvas e freiras.

³⁰ Fumaça. No texto: pista, indício.

³¹ Denominação popular de anomalias ósseas da região peitoral.

³² Furúnculo.

³³ Prêmio ou pagamento para quem traz uma boa nova.

FAGUNDES – Chama-se d^a. Nize.

D. FUAS – Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a d^a. Nize, que em prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de manjerona.

FAGUNDES – É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

D. FUAS – E como me dizem os impossíveis que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galanteria de ser a minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prêmio há de ser igual ao meu desejo.

FAGUNDES – Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

D. FUAS – E qual delas é a que casa?

FAGUNDES – Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que mais lhe agradar.

D. FUAS – Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos de intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da manjerona.

FAGUNDES – Pois para mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmacha-prazeres: esta noite o espero debaixo da janela da cozinha; sabe aonde é?

D. FUAS – Bem sei.

FAGUNDES – Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

D. FUAS – Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

FAGUNDES – Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados, e um tanto fétidos: descanse, senhor, que d^a. Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio e das carícias do noivo.

D. FUAS – Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

Canta d. Fuas a seguinte

ária:

Se chego a vencer
De Nize o rigor
De gosto morrer
Você me verá.

Porém se um favor
Alenta o viver
Quem morre de amor
Mais vida terá.

(Vai-se)

FAGUNDES – Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste entendendo terei boa melgueira³⁴; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da manjerona e do alecrim.

³⁴ Colmeia com favos de mel.

Cena II

Câmara. Entram d^a. Nize, d^a. Cloris e Sevadilha.

SEVADILHA – Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

D^a. CLORIS – Em boa nos metemos!

D^a. NIZE – Nunca tal nos sucedeu: que te parece, d^a. Cloris, a porfia daqueles homens em nos conhecer?

SEVADILHA – Sim, senhora, como se nós fôssemos suas conhecidas.

D^a. CLORIS – E a facilidade com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

SEVADILHA – Pois o maldito do criado, que tanto se meteu comigo, como piolho por costura!

D^a. CLORIS – Que te veio dizendo?

SEVADILHA – Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas.

Entra Fagundes com o manto apanhado no braço.

FAGUNDES – Ainda esses alecrins e manjeronas hão de dar-nos narizes a muita gente.

D^a. NIZE – Que diz, Fagundes?

FAGUNDES – Digo que bem escusados eram estes sustos: ora digam-se, senhoras, se seu tio viesse e as não achasse em casa, que seria de mim?

FAGUNDES – Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

FAGUNDES – Apostemos que isso foram conselhos desta senhora que aqui está?

SEVADILHA – Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece que me tem tomado à sua conta!

FAGUNDES – Coitada! Como se desconjura!

SEVADILHA – Ainda por amor dela me hei de sair desta casa.

Entra d. Lancerote.

D. LANCEROTE – Fagundes, depressa, vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho d. Tibúrcio, já que sou tão desgraçado, que por mais meia hora não chega depois do jantar.

FAGUNDES – Eu vou, meu senhor; mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho.

D. LANCEROTE – Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

D^a. CLORIS (*À parte*) – Já vem tarde.

D^a. NIZE (*À parte*) – Veremos a cara a este noivo.

SEVADILHA (*À parte*) – Pois dizem que é um galante lapuz³⁵.

Entra d. Tibúrcio com botas, vestido ridiculamente.

D. LANCEROTE – Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que veja a um filho de meu irmão!

³⁵ Indivíduo grosseiro, sem cultura nem boas maneiras.

D. TIBÚRCIO – Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas choiriças³⁶, que vêm no alforje, não as dizime o arrieiro³⁷, que tem em cada mão cinco águias rapantes³⁸.

D. LANCEROTE – Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. (*Vai-se*)

D^a. CLORIS – Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

D^a. NIZE – Muito bom princípio leva.

SEVADILHA (*À parte*) – Parece que o seu gênio mais se casa com o alforje.

D. TIBÚRCIO (*À parte*) – As primas não são más; porém a moça me toa³⁹ mais.

Entra d. Lancerote.

D. LANCEROTE – Sossegai, sobrinho, que já está tudo arrecadado.

D. TIBÚRCIO – Agora, sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue do meu progenitor, permiti que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. LANCEROTE – Levantai-vos; sois discreto, meu sobrinho: pois vosso pai era um pedaço d’asno, Deus lhe perdoe.

D. TIBÚRCIO – Não está mais na minha mão; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. LANCEROTE – Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, d^a. Nize e d^a. Cloris.

D. TIBÚRCIO – Eu vou a isso.

*Soneto*⁴⁰

Primas⁴¹, que na guitarra da constância
Tão iguais retinis no contraponto⁴²
Que não há contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos⁴³ noto dissonância:
Oh falsas não sejais nesta jactância;
Pois quando atento os números vos conto,
Nessa beleza harmônica remonto
Ao pletro da flebina⁴⁴ consonância:
Já que primas me sois, sede terceiras⁴⁵
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete⁴⁶ as frioleiras⁴⁷;
Se encordoais⁴⁸ de ouvir-me, ó primas, baste

³⁶ Chouriço. Iguaria defumada composta de carne e sangue de porco.

³⁷ Homem que guia e cuida dos animais de carga.

³⁸ O sentido do texto original de 1737 é que o arrieiro tem em cada mão “cinco águias rapantes” (rapinantes) ou seja, cinco dedos prontos a roubar as chouriças. Na edição brasileira de 1939 a expressão foi substituída por “aguirrapantes”, palavra inexistente.

³⁹ Agradar.

⁴⁰ O soneto de d. Tibúrcio usa e abusa dos termos musicais, como veremos a seguir.

⁴¹ Trocadilho entre as primas carnavais de Tibúrcio e as primas, as cordas mais finas de certos instrumentos (guitarra, vila, violão e violino), as que emitem o som mais agudo.

⁴² Arte de compor música para dois ou mais instrumentos ou vozes.

⁴³ Acabamento. Arremate.

⁴⁴ Forma chorosa de canto. Lamento.

⁴⁵ Trocadilho entre a expressão musical “terceira” ou “terça” (intervalo de três graus na escala diatônica) e “terceira” (mulher alcoviteira).

⁴⁶ Pequena peça de madeira ou metal que sustenta as cordas de certos instrumentos.

⁴⁷ Tolices.

De dar à escaravelha⁴⁹ em tais asneiras,
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

D. LANCEROTE – Também sois poeta, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO – Também temos nosso entusiasmo, senhor tio; isto cá é veia capilar e natural.

D. LANCEROTE – Oh quanto me pesa que sejais poeta, pois por força haveis de ser pobre.

D. TIBÚRCIO – Agora, senhor, eu sou um rico poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

D^a. CLORIS – Os anjos lhe respondam.

D^a. NIZE – Ai não há mais que dizer.

D. TIBÚRCIO – Ah senhor tio, esta rapariga é cá da obrigação da casa?

D. LANCEROTE – É moça da almofada.

D. TIBÚRCIO – Não é mal estreada; e que olhos tem! Benza-te Deus!

SEVADILHA – Quer Deus que trago um corninho por amor do quebranto.

D. LANCEROTE – Eu cuido, sobrinho, que mais vos agrada a criada do que a noiva.

D. TIBÚRCIO – Tudo o que é desta casa me agrada muito.

D. LANCEROTE – Agora vamos ao intento: sabereis, minhas sobrinhas, que vosso primo d. Tibúrcio, filho de meu irmão d. Tifônio e de d^a. Pantaleoa Reboldan, a qual era também irmã de vosso pai, e meu irmão d. Blianiz, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimônia, que para mais é o seu primor.

D. TIBÚRCIO – Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. LANCEROTE – Eu o creio, meu sobrinho: nosso saís a vosso pai.

D^a. CLORIS (*À parte*) – Não vi maior asno!

D^a. NIZE (*À parte*) – Nem eu maior simples!

*Diz dentro Simicúpio*⁵⁰.

SIMICÚPIO – Quem merca o alecrim?

D^a. CLORIS – Ó Sevadilha, chama a esse homem do alecrim; anda depressa.

SEVADILHA (*À parte*) – Entrou no fadário⁵¹!

D. LANCEROTE – Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber que há nesta terra dois ranchos, um do alecrim, outro da manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

D. TIBÚRCIO – E vossa mercê consente que minhas primas sigam essas parcialidades?

D. LANCEROTE – Não vêdes que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

D. TIBÚRCIO – Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

D. LANCEROTE – E a razão?

⁴⁸ Encordoar: ato de colocar cordas num instrumento musical. Antigamente era também um sinônimo de desconfiar. Daí o duplo sentido da frase.

⁴⁹ Forma arcaica de cravelha, parte do instrumento musical de cordas que possibilita a afinação.

⁵⁰ Simicúpio grita fora de cena.

⁵¹ Destino talhado por um poder inexorável, quase sobrenatural. Fado.

D. TIBÚRCIO – Não sei.

D^a. CLORIS – Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da corte.

D^a. NIZE – Calai-vos, mana, que ele há de ser o maior apaixonado que há de ter o alecrim e a manjerona.

D. TIBÚRCIO – Se eu enlouquecer, não duvido.

Entra Simicúpio com um molho de alecrim ao ombro.

SIMICÚPIO – Quem quer o alecrim?

D^a. CLORIS – Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

SIMICÚPIO – Pois aonde o hei de pôr?

D^a. CLORIS – Aqui no meu colo: aí, no chão o meu alecrim? Isso não.

SIMICÚPIO – Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D^a. CLORIS – A quanto é o molho?

SIMICÚPIO – A real e meio, por ser para vossa mercê?

D^a. CLORIS – Pões aí cinquenta molhos.

SIMICÚPIO – Pelo que vejo, esta é d^a. Cloris. (*À parte*) Eis aí tem todos os molhos, reparta lá com a senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

D^a. NIZE – Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Já sei, que esta é a da manjerona de d. Fuas.

D. TIBÚRCIO – Bem haja minha prima, que não é destas invenções.

D. LANCEROTE – Porque é da manjerona, por isso aborrece o alecrim.

D. TIBÚRCIO – Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

D. LANCEROTE – Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

SIMICÚPIO - Ora demos princípio à tramóia. (*À parte*) Ai, senhores, quem me acode?

D. LANCEROTE – Que tens, homem?

SIMICÚPIO – Ai, ai, confissão.

Cai Simicúpio estrebuchando, fingindo um acidente.

D^a. CLORIS – Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D^a. NIZE – Tão venenoso é o teu alecrim, que mata a quem o traz?

D. LANCEROTE – Olá, tragam água.

Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta⁵².

SEVADILHA – Ai, senhores, que isto é acidente de gota coral!⁵³

SIMICÚPIO (*À parte*) – O coral de teus lábios que acidentes não fará?

D. LANCEROTE – A unha de grão besta⁵⁴ é boa para isto.

D. TIBÚRCIO – Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.

d. Lancerote, d. Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Simicúpio e este com o estrebuchamento fará cair a todos.

D. LANCEROTE – Mostra cá o dedo.

SIMICÚPIO (*À parte*) – Agradeço o anel.

D. TIBÚRCIO – E a força que tem o selvagem!

SEVADILHA – Eu não posso com ele.

⁵² Vaso de barro usado para portar água..

⁵³ Denominação arcaica da epilepsia.

⁵⁴ Denominação popular arcaica de unha comprida

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

